

Intoxicações digitais: uma mãe vem contar o que ouviu

(por Ligia Ximenes, mãe da Cora e da Lucia)

Há os entusiastas. Há quem curta, mas pondere. E tem a turma com muitas, muitas preocupações. Mas no debate sobre cultura digital e seus excessos, que aconteceu na quinta-feira, 14/9, na USINA, quase todo mundo concordou: precisamos nos encontrar mais e conversar mais sobre como anda a nossa relação com as tecnologias, os limites, as conexões (de carne ou bits), o tempo do trabalho e o tempo do não-trabalho, a pressa, e os conflitos que nascem de todos esses encontros.

Participaram da mesa, cuidando das provocações, além do diretor, Silvio Barini, também Juliana Pádua Medeiros, professora e doutoranda na FFLCH, mais André Deak, pai de Cora e Lucia, professor de Jornalismo na ESPM, e Gabriel Bovi, aluno do segundo ano do ensino médio. E na plateia umas 50 pessoas, entre educadores, outros alunos, pais e mães de crianças pequenas e grandes.

A conversa partiu da perspectiva da intoxicação, e entendendo intoxicação como excesso, com foco na primeira infância, que é o recorte que a psicanalista e professora de teoria psicanalítica Julieta Jerusalinski escolheu para investigar em uma edição do Café Filosófico (clique aqui para assistir o vídeo - <https://vimeo.com/226791119>).

Se as tecnologias permitem que a gente encurte distâncias e conheça gente e faça coisas junto com elas, elas também trazem impactos, por chamar tanto a gente a se desligar da experiência do corpo e a escolher, ainda que inconscientemente, estar não mais aqui, onde os pés pisam o chão, mas ali, numa linha do tempo que se atualiza freneticamente.

E que papel os adultos têm no meio disso tudo? O que é certo, o que é errado? Não há fórmula. Mas Luciana Corrêa, que é do Media Lab da ESPM, e que pesquisa as interações das crianças de 0 a 12 anos com a internet, sobretudo no que diz respeito ao consumo e produção de conteúdos, gravou um videozinho especialmente para a nossa roda. Assista aqui (<https://www.youtube.com/watch?v=C-3dpZrd4IA>).

Luciana falou de mediação parental. “Não é uma responsabilidade da escola, começa na família. Mas compartilhamos a responsabilidade de potencializar os benefícios e minimizar os riscos, até que a criança tenha a competência para navegar neste mundo sozinha. Esta mediação se caracteriza de diferentes formas: ativamente, estando perto, olhando o que o seu filho faz. Há cuidados para tornar o ambiente mais seguro, com uso de senha, privacidade, o que postar, até onde ir, qual é o limite. Há a mediação restritiva: botar limites, delimitando tempo, dia local, se o tablet vai para a mesa ou não, se cada um na família desliga seus eletrônicos quando estão na mesa, é um acordo. E um último ponto, que eu só uso em casa se todos os outros não estão funcionando, que é o uso de softwares e ferramentas para restringir tempo, o tipo de conteúdo que vai ser consumido”.

O papo todo, como bem lembrou a Patricia Fioravanti, mãe da Tarsila e da Cecília, nasceu a partir de outro encontro, o do Conselho da escola, do qual participam representantes da mantenedora, da direção, de professores, funcionários, alunos e familiares. Estas pessoas se reúnem todo mês, e esta reunião é aberta à participação de quem mais quiser, para olhar para questões que são importantes para a comunidade.

(viva o Conselho!)

E na sua casa, como é? Segue o papo.